



Instituto Figlie di Maria Ausiliatrice
Salesiane di Don Bosco
Provincia Nossa Senhora de Fátima - POR
Estoril - Portugal



REEVOCANDO III **EQUIPA DA FORMAÇÃO** 09 DE JULHO DE 2022

MOTIVAÇÃO

Neste “Reevocando”, recordamos um pouco da história do Instituto: pessoas e acontecimentos anteriores à Fundação, durante a sua 1ª década e algo dos primeiros anos do segundo milénio.

Lembramos as palavras do Papa Francisco: “Não esqueçais a graça das Origens.” E as de D. Ricceri: “Uma congregação que se desliga do seu passado, não tem futuro, tal como uma planta separada das suas raízes”. Iniciando a 2ª metade do segundo século do Instituto, que a nossa atitude seja o “Novo Sim”, auspiciado pela Madre (Cf. circ. 1017), partindo das raízes desta história bonita que é a do Instituto e a nossa própria história.

1. NO PRINCÍPIO, A SEMENTE IA GERMINANDO

O Instituto é dom de Deus, pelo que, com a intervenção direta de N.ª Senhora (Cf C.1), Ele escolheu e preparou quem quis para o fundar e para lhe dar continuidade (Cf. Jo 15,16)¹: João Bosco e Maria Mazzarello! No entanto, também são imprescindíveis as muitas pessoas que o Senhor pôs nos seus caminhos: Mãe Margarida, o pai José Mazzarello, os Padres Calosso e Pestarino, a amiga Petronilla e tantos outros. Todavia, Maria Domingas é a figura de proa, na fundação do Instituto.

¹ Para documentação, foi consultado: Volume da Cronistória-Edição portuguesa Appontamentos e também as *Relazioni dos sexânios anteriores aos Capítulos Gerais XXII, XXIII e XXIV*

O nome ‘Maria Domingas’, já era indicador do que viria a ser: “a que tudo entregou ao Senhor”, como ela mesma disse, referindo-se ao voto de castidade: «não me aconselhei com ninguém e o fiz para sempre».

A Dom Bosco, temperamentalmente adverso a cuidar de meninas, Deus foi-o preparando para ser o Fundador de um Instituto feminino, dedicado a educar as jovens. A intuição foi tomando corpo na sua mente e no coração na medida em que ia colhendo sinais e forjando conclusões. Ao mesmo tempo, noutro espaço geográfico, na vida quotidiana da Mazzarello e companheiras, sucediam-se factos e situações que, agora sabemos, eram também passos da Providência a preparar a Fundadora e a futura fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Por exemplo, não foi por acaso que a pequena Main cresceu à sombra de uma igreja, em cuja parede, a poucos passos da sua casa, estava pintada a imagem da Auxiliadora, benzida precisamente num dia 24 de maio. (Cf. Cronistória I, pág. 29). A presença do padre Pestarino em Mornese e na vida da Maria, o seu progresso espiritual... tudo sinais de algo que ela não sabia descrever; até tinha sensibilidade e abertura à vida religiosa, ainda que a soubesse fora das suas possibilidades; «Eu não posso (*fazer-me frade*), dizia aos irmãos. Mas se fosse homem!...». “Maria Mazzarello sobressai entre todas. É um modelo para as jovens da região”, dizia-se na aldeia. Isto passava-se entre 1854 – 1857 (Cf. Cronistória I, pág.58-59). Por essa ocasião, Angelina Macagno disse à Mazzarello: “De agora em diante, eu vou trabalhar junto dos homens e meninos; fora da igreja, as jovens e as mulheres ficam por tua conta” (Cf Cronistória I pág 59-60). A mesma Macagno, fez ver ap Padre Pestarino a vantagem de uma associação que reunisse, com particulares vínculos, as jovens que não desejassem ou não pudessem fazer-se religiosas. Outro acontecimento providencial foi o início formal da Associação das Filhas da Imaculada no dia 9 de dezembro de 1855. Em Valdoco iniciava -se a Companhia da Imaculada!

Maria Mazzarello caminhava a passos largos na obra de Deus, com as companheiras, longe de se aperceber onde é que Ele a conduzia. A própria debilidade física, em consequência do tifo, revelara-se caminho para outros horizontes. Vítima da caridade prestada a familiares doentes, a constatação de contágio chegou dia 15 de agosto de 1860, deixando-a às portas da eternidade. Mas a Auxiliadora intercedeu e devolveu-a à família e ao povoado. Era o dia 7 de outubro. Iniciou longo tempo de convalescença e de discernimento. “Como não podia ir à igreja, o

parapeito da sua janela era o lugar de contemplação e de súplica diante da Auxiliadora. Privada da antiga força quase viril, aprendia a gerir as suas fragilidades e os sentimentos e desejos tão nobres quanto desconhecidos que lhe brotavam na alma. “Se Deus permitia tudo aquilo, certamente desejava dela outra coisa”, concluía. Disponha-se a fazer a Sua vontade com abandono de coração, olhando para lá dos sinais com confiança, enquanto acalentava o sonho de se tornar costureira, como forma concreta de responder ao que lhe parecia serem os desígnios de Deus. Em finais de 1860, caminhando pela encosta, deparou-se com a “visão” que bem conhecemos, chamada do Borgoalto, que tanto a interpelou: «Mas o que é isto que estou a ver? Este palácio nunca esteve aqui! O que será? E aquela voz clara que lhe dizia: ‘A ti as confio’». Refletida esta visão e rezada com a amiga Petronilla, depois de escutada a opinião do Padre Pestarino, passos concretos se seguiram: a aprendizagem na alfaiataria entre 1861 – 1862; os serões na casa Macagno, a primitiva regra da Imaculada fundida com a de S. Ângela, o início da vida comum entre as Filhas da Imaculada, após o falecimento do pai de Petronilla. Era o dia 16 de novembro de 1861.

2. A SEMENTE GERMINAVA COM IDENTIDADE PRÓPRIA 1860–1872

Aproveitando o facto de que o regulamento impedia que uma ‘filha’ morasse sozinha – era o caso de Teresa Pampuro, o Padre Pestarino disse a Petronilla que levasse a sua cama para a casa dela. (Cf Cron. Pág. 94-95). Seguiram-se dias de aprendizagem com a costureira, prestes a deixar a aldeia, em 1862. O regresso à casa da Pampuro, aconteceu no dia 16 de maio, acompanhadas de algumas meninas. Petronila e Maria iam a casa para as refeições e ao princípio Main também ia dormir. Entretanto, o atelier foi transferido para a casa que Petronilla havia recebido em herança. Depois para uma sala maior alugada a um irmão da Macagno. Daí nasceu a primeira verdadeira escola - família das futuras FMA.

A caridade exigiu outras respostas a situações emergentes, além da permanente assistência às meninas: apoio a doentes a domicílio, e acolhimento de duas órfãs. Estava lançada a 1ª semente de futuros colégios, internatos, escolas. Ambas começaram a almoçar juntas. Sobre a Casa da Imaculada, Petronila testemunha: “Sabíamos que se destinava às Filhas da Imaculada. Pelo que quando recebemos a ordem de nos mudarmos para lá, ficámos alegres mas não admiradas.” Era o artigo 142 seu Regulamento, em ato. (Cron. I, na página 167-168).

Na Casa da Imaculada iniciou-se a nova família, com indicação de continuarem a fazer como até ali e a liberdade para o regresso à família, de quem o desejasse. Nem de longe se previa que um novo Instituto já despontava no horizonte (Cron I. Páginas 171-172).

As obras do colégio de Mornese avançavam. A bênção da capela, realizou-se dia 13 de dezembro de 1867. O Pe Pestarino já “usava o pórtico e o pátio para reunir os rapazes”. Foi então que tudo desmoronou. “Não se sabe como, nem de quem partiu a comunicação. Certo é que se devia abandonar o projeto do colégio masculino em Mornese, para não prejudicar o incipiente seminário de Acqui” (Cron I 174).

A vontade de Deus era tudo menos clara, mas dava sinais de não ter amarras, pois em finais de 1870, Dom Bosco revelava a Dom Francesca a necessidade de pensar nas meninas, estabelecendo uma Pia Congregação que ‘faça por elas o que os salesianos fazem pelos meninos’. Por essa intenção rezou e fez rezar, fervorosamente, no mês de maio. No final, concluiu: “Pois bem, agora podemos estar certos de que é vontade de Deus que nos ocupemos também das meninas. Para o efeito, proponho que a essa obra seja destinada a casa que Dom Pestarino está concluindo em Mornese” (Cf Cron. I pág 212).

Em meados de junho, D. Bosco deixou entrever parte do seu pensamento a Dom Pestarino. No dia 9 de julho comunicou-lhe o que lhe dissera o Vigário de Cristo e rematou: “quanto à Casa, compreende...pensamos que para evitar um possível descontentamento da Cúria d’ Acqui, elas possam ir morar para o Colégio”. Rude golpe para o Padre Pestarino que, mesmo sofrendo, continuou a secundar os aconselhamentos de Dom Bosco que sempre acolheu como vontade de Deus! A Mazzarello, ao saber que o colégio seria para as meninas, exclamou: “Melhor. Assim nós também vamos poder ir para lá”. Entre o final de 1871 e princípio de 1872, projetava-se um tempo de transição: o Pe Pestarino tinha entregue ao grupo as novas Regras, pedindo que se pronunciassem sobre o querer ou não aderir ao novo Instituto.

No dia 29 de janeiro de 1872 as residentes na Casa da Imaculada, inclusive as meninas, mediante votação, elegeram o primeiro verdadeiro núcleo comunitário. Maria Mazzarello surgiu como a mais votada para tomar as rédeas da ainda incipiente comunidade.

Ao saber da intenção de Dom Bosco de vir a ter religiosas, a Mazzarello alegrou-se e, ansiosa pela sua chegada, dispunha-se a juntar-se-lhes na mais humilde dependência (Cf. Cron I pág. 225).

Ao conhecerem os mornesinos que o colégio teria outro destinatário que não os seus filhos varões, adivinhava-se ambiente sombrio. Aproveitando então a visita dos maioraís de Mornese a Dom Bosco, que se encontrava doente em Varazze, esse desencadeou um encontro franco e dorido entre eles. Rompeu-se a névoa, pelo que na página 235 da Cron.I se lê: Epifania de 1872. Devemos escrever com letras de ouro essa data que assinala o nascimento da segunda família de Dom Bosco. “Finuras do desígnio divino” que, por boca de um conselheiro municipal, notoriamente hostil ao padre Pestarino, sugeriu que aquelas jovens poderiam mudar-se para o colégio, cedendo a casa da Imaculada ao município para o Pároco! (Cron I 246).

3. PERTENÇA, EXPANSÃO/CONSOLIDAÇÃO DO CARISMA-1872 – 1981/2

Tudo se acelerou tanto que o dia 24 de maio de 1872 já foi vivido no colégio, vindo este a ser a Casa da fundação do Instituto. A mesma Regra de Vida para todas, em tudo, constituiria o Código de pertença. Esta, depois de impressa (1º e 2º texto) constituíram a matriz histórico-espiritual das Constituições das FMA. As primeiras gerações de FMA identificavam-na com o próprio Dom Bosco e sua suas intenções fundantes.

Por motivos de saúde, o Bispo da Diocese, passaria alguns dias em Mornese. Vendo nisso o dedo de Deus, Dom Bosco sugeriu que fosse marcado um curso de Exercícios espirituais a iniciaram no dia 1 de agosto. No encerramento receberiam o hábito religioso aquelas que já haviam feito pedido de pertencer à nascente Congregação e, quem sabe, até pronunciar os votos religiosos. O Bispo foi-se apercebendo de toda uma postura de fidelidade, seriedade e desenvoltura, por parte das Filhas da Imaculada, o que até o levou a encorajar a proposta que lhe foi feita por Dom Pestarino, da parte de Dom Bosco. Querendo ele que Dom Bosco estivesse presente na cerimónia da vestição/profissão, mandou o seu secretário a Turim, com ordem de o trazer. Era dia 4 de agosto. Dom Bosco advertiu que, no dia seguinte, deveria regressar a Turim. Então, o próprio bispo decidiu proceder à vestição e profissão, naquele dia, aliás, bem propício, por se celebrar a Senhora das Neves (Cf Cron I pág 255 – 259). Foram

11 as primeiras a emitir os votos, tornando-se Comunidade Fundadora no dia 05 agosto de 1872, como se lê na ata de Fundação.

A média etária das primeiras FMA era de 34 anos. Havia FMA preparadas culturalmente e FMA analfabetas; FMA fiéis e outras nem por isso.

Na obra educativo-didática, também havia colaboradoras leigas e à comunidade também pertenciam jovens de diferentes idades e proveniências sociais. A comunidade vivia em torno da educação. O tecido unificante da vida comunitária era encontrado:

- na presença de Jesus, o 'Patrão' absoluto e suporte da comunidade;
- na presença de Maria, guia e verdadeira diretora;
- na caridade que tudo transforma em oração, permeia as relações e orienta para a audácia apostólica.

Em 1874 Dom Cagliero foi o primeiro a ser nomeado Diretor Geral. Nesse ano, abria-se a primeira fundação do Instituto em Borgo San Martino. Em 28 de agosto de 1875 as primeiras FMA emitiram os votos perpétuos. Em 23 de janeiro de 1876 foi assinado o decreto de aprovação das Constituições. No dia 29 de março desse ano foi aberta a primeira casa em Turim-Valdocco. A primeira casa fora de Itália foi em Nice, França, no dia 1 de setembro de 1877. Nesse ano, no dia 14 de novembro partia a primeira expedição, composta por seis missionárias. Foi precedida de uma audiência com Pio IX, no dia 9 de novembro. A 2ª expedição foi em 1879, rumo à Argentina.

No dia 8 de dezembro de 1878 saiu a primeira edição estampada das Constituições. A 4 de fevereiro de 1879, apenas cinco anos após a conclusão da construção do colégio, foi preciso deixá-lo, por melhores questões logísticas e de pastoral, Assim, as Irmãs entraram no Santuário Nossa Senhora das Graças, em Nizza. No dia 12 de abril o Colégio foi fechado. Tendo sido vendido e de novo adquirido, continua pertença das FMA.

Em fevereiro e março de 1881 Madre Mazzarello encontrava-se gravemente doente em St. Cyr, vindo a falecer no dia 14 de maio desse ano, em Nizza Monferrato, aos 44 anos de idade. Deixava 26 casas e 166 irmãs professoras das quais uma francesa e uma uruguaiana, 48 noviças e 26 casas. Substituiu-a Irmã Caterina Daghero, eleita Superiora em agosto.

No primeiro decénio também se registaram grandes lutos para o Instituto, entre familiares e Irmãs; três FMA deixaram o Instituto.

4. O INSTITUTO NO 2º MILÉNIO IN “RELAZIONI SULLA VITA DELL’ISTITUTO”

Para melhor enquadramento na história do Instituto, já escrita no século XXI, sugere-se a consulta das “*Relazioni sulla vita dell’Istituto nei sessenni: 2002 – 2008, 2008-2014, 2014 – 2020.*”

Partindo da Relação do CGXXII, chegamos ao ao CG XV, especial por corresponder ao pedido específico da Igreja às Congregações Religiosas, no sentido de relerem a própria identidade carismática à luz das instâncias e dos documentos do Concílio Vaticano II.

O CGXXIII realizou-se em 2014 e apresenta a relação sobre a vida do Instituto no sexénio 2008- 2014 que teve como horizonte o ícone do Pentecostes, bem como o ícone da casa que acompanhou a reflexão em preparação do CGXXIII, juntamente com o texto evangélico respeitante aos discípulos de Emaús. Em termos de continuidade e de novidade destaca-se o dinamismo que atravessou a Programação, juntamente com a categoria do *encontro* e a convicção de que o amor é maior que tudo (1Cor 1, 1-13). O Instituto deixou-se orientar pelos ensinamentos do Papa Bento XVI e do Papa Francisco. Fundamental foi também o magistério do Reitor-mor, D. Pascual Chávez Villanueva, particularmente marcante com propostas concretas para o triénio de preparação para o bicentenário do nascimento de S. João Bosco.

Por motivos da pandemia do Coronavirus, o CGXXIV foi adiado, pelo que se realizou apenas em 2021. O Instituto deixou-se guiar pelo ícone de Maria em Caná, que acompanhou todo o desenvolver-se do CGXXIV.

No sexénio 2014 – 2020 a “*Cultura do encontro*” constituiu o pano de fundo de todo o percurso sugerido pela Programação do Conselho geral, explicitada através de uma maior sinodalidade na redação das propostas dos *Âmbitos* e em formas explícitas de corresponsabilidade.

O Papa Francisco imprimiu grande impulso pastoral à Igreja. As jornadas diocesanos e Mundiais da juventude são exemplo, mormente as JMJ a realizar-se em Lisboa, em 2023, tendo sido adiada de um ano, pelas razões sanitárias mundiais já apontadas.

Os encontros on-line revelaram-se a estratégia possível para obviar às distâncias e aos confinamentos motivados pela pandemia da Covid 19. O Instituto participou em vários momentos de júbilo da Igreja e do Instituto, alguns em colaboração fraterna e carismática com os SDB, nomeadamente entre sos Conselhos gerais das FMA/SDB. Em especial

partilharam a preparação do Sínodo dos Bispos sobre os jovens e o impacto deste evento eclesial na missão educativa. Juntos também animaram e acompanharam a celebração do bicentenário do nascimento de S. João Bosco. Outros eventos reacenderam a força do carisma originário e a dimensão mariana e missionária: o 140º aniversário da primeira expedição, o início do triénio de preparação para o 150º aniversário do Instituto. Foram dados passos novos em processos para causas de beatificação e canonização (Irmã Antonieta Bhom, Madre Rosetta Marchese). Significativo e muito refletido foi o tema do CGXXIV: “Comunidades geradoras de vida no coração da contemporaneidade”, bem como o seu objetivo: despertar a frescura original da fecundidade vocacional do Instituto.

ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS REFERENTES AO SEXÉNIO 2014-2020

Em termos de número, atualizados em 31 de dezembro de 2020:

- As FMA são 11 225. Menos 1 735, em relação ao sexénio anterior;
- FMA falecidas durante o sexénio precedente: 2328; (88 por Covid 19).
- FMA que deixaram o Instituto foram 340.
- FMA neo-professas 993 (+194 que no sexénio anterior).
- A média etária das 11 225 FMA à data referida é de 64,86. Por lugar de nascimento é: 43,11 (África-Madagascar); 66,55 (América); 51,55 (Ásia); **74,16** (Europa); 45,65 (Oceania).

As comunidades são 1331 (-77) distribuídas por 94 nações.

“Dar-te-ei a Mestra” – disse Jesus. Ela “passeia nesta casa” – disse D. Bosco. “A ti as confio” – disse Nossa Senhora.

Na certeza de que Maria continua a guiar os nossos passos, acolhamos cada vez mais a Sua presença nas nossas comunidades, nas nossas vidas e, com o Seu auxílio sejamos hoje mais auxiliadoras das/dos muitos jovens jovens que Ela nos confia neste tempo concreto, em contexto de celebração do 150º do Instituto.

- ❖ Animadas pelo que lemos e sabemos, procuremos responder à vocação de *“pedras vivas neste monumento vivo”*.
- ❖ Tentemos escrever com a vida a página pessoal que gostaríamos de ver escrita, sendo profecia desta memória histórica de 150 anos.